

## EDITORIAL

### A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO

Um dos maiores entraves ao efetivo desenvolvimento da coletividade – seja em qualquer esfera: federal, estadual, municipal – é, via de regra, a descontinuidade da organização e da gestão administrativas, desvios de rumos em termos de propostas, projetos e ações. Principalmente em situações de rodízio de poder, com a ascensão de grupos ideológica ou circunstancialmente antagônicos.

A polarização de partidos, ou melhor entre grupos ou pessoas (o Brasil não dispõe de legendas partidárias consolidadas) cria antagonismos, escaramuças, retaliações e mesmo violência explícita, com incalculáveis prejuízos, estagnação e retrocesso para toda a sociedade.

O contraditório, a cisão de posturas entre gestões que se alternam no poder dominam, há décadas, o horizonte político-administrativo. Estratégias de combate ao adversário, nem sempre justas ou éticas, seja em campo aberto, por escusos bastidores, seja hoje pelas redes virtuais. Somos uma sociedade historicamente de retórica, de imposição e não de diálogo, de respeito, de maturidade. Projetos econômicos, culturais, sociais de realce e bem sucedidos deveriam merecer continuidade, cabendo, todavia, serem aprimorados por novos gestores. Se há discordância, que seja abordada em nível elevado de discussão e debatidos os temas, ademais, com toda a sociedade. Para tanto, há simpósios, consultas, audiências, conferências públicas exercitadas por governantes e sociedade democráticas, com a livre manifestação de ideias. Não apenas decisões de gabinete ou por referendos de poder.

Ao invés de ouvir o outro, de expormos e opormo-nos através de argumentos e fundamentos consistentes, optamos pelo autoritarismo, pela ofensa, partimos de pressupostos e pontos de vista pes-

soais, estereotipados, por vezes viciosos, sub-reptícios, desconSIDERAMOS a afirmação alheia, apedreamos, julgamos, condenamos, incorrendo e cavando nós as nossas próprias armadilhas, pois amANHã cairemos nelas. O “caçador” finda a estação de poder, deporá a arma, tornando-se vítima dos próprios métodos que infligiu à “caça” adversária – tornando-se um algoz de si mesmo! E assim vive a controvertida política brasileira...

A sociedade democrática só se fortalece, se sustenta através das diferenças. Somos partícipes da mesma festa cívica, do mesmo comboio do desenvolvimento e da civilização, em que a diversidade de opiniões, diferenças individuais e ideológicas enriquecem a vida social.

“Dialogar não é confrontar verdades, é constituir conhecimento novo”, já dizia Platão, no séc. IV a.C. E confrontos só nos levarão a cenários de terra arrasada, de infelicidade coletiva, de recalques acumulados. Mudanças, sim, com a continuidade e a ampliação do que é bom, do que é satisfatório. Ansiamos pelo novo, pelo diferente, mas não podemos endossar retaliações, caprichos, hostilidades. Não podemos abdicar de sermos sujeitos do desejo, priorizando-se, para tanto, o equilíbrio, a harmonia, a tolerância, de aspirarmos e requisitarmos os valores maiores da igualdade, solidariedade, paz, educação, respeito, afeição, liberdade e recusarmos, por outro lado, todas as excrescências como medo, desesperança, alienação, separatividade.

Quando aprenderemos, afinal, um pouco de humildade, o mínimo de solidariedade, gestos de respeito para com o próximo e a coletividade ?!

### AO PÉ DA FOGUEIRA

#### "CEGUINHA"

Casal tradicional, família numerosa. Gente honrada, conceituada, trabalhadora.

A esposa assoberbada com os afazeres domésticos: cozinha, lavagem, alisamento a ferro de trouxas e trouxas de roupas, o quintal imenso, legião de filhos, todos sapecas, levados da breca, para cuidar. Confeção de doces, tachos sempre aquecidos nas fomalhas e de biscoitos no forno caipira, para o que se contava com a ajuda de experientes doceiras e quitandeiras do arraial. Visitas, hospedagem de parentes e amigos, vindos da zona rural e de outras cidades. Casa sempre cheia. Uma lufa-lufa do amanhecer até tardas horas da noite.

O marido, homem de negócios, mexia e remexia ao longo do dia. Pedacos do dia, para se dizer a verdade, pois era um olho nos empreendimentos comerciais e outro em casa. Ou melhor no quarto de casal. Às vezes, em qualquer lugar...

O que importunava a digna e honorável senhora era a sofreguidão, a compulsão lúbrica do marido. A qualquer momento, sem menos esperar, horários inadequados, - ela com seus enormes compromissos de dona de casa - e vinha o furão, o insaciável, sovelador como se dizia. (Uma referência, uma analogia com os artesãos, comuns à época no arraial, que ficavam o dia todo furando, com sovela, o couro).

Decide conversar com o médico, pessoa próxima, da família. Não era



INTERNET/DIVULGAÇÃO

mais jovem, não acompanhava o pique e a exacerbada sensualidade do marido. Solicita-lhe que receitasse um remédio específico, um anafrodisíaco, um regulador de “apetite”, um sossega leão. Confidencia:

- Doutor, quando ele vira, revira, esgazeia os olhos, já sei o que me espera...

O médico orienta-a a ter uma conversa firme com o marido, assunto a ser resolvido obviamente entre os dois e sugere-lhe, (pessoa da família que era), em forma de chiste:

- Fique alerta. Olhos abertos. A hora que ele virar, voltear os olhos, você dê-lhe um bom cutucão. Imponha seus limites. Para ele se controlar...

\_ Ah, doutor - suspira, toda desejosa, voluptuosa, sensual a senhora - quando ele vira e revira aqueles olhos, eu já estou é ceguinha, ceguinha...

# ADIVINHAS

- 1- O que é, o que é? Que quando vai para o aumentativo fica menor?
- 2- O que é, o que é? Que vai até a porta de entrada, mas não entra?
- 3- O que é, o que é? Que anda com os pés na cabeça?
- 4- O que é, o que é? Que só tem alegria quando apanha?

Respostas: 1- Calça – Calça; 2- Calçada; 3- Calçada; 4- Pandeiro

## Provérbios e Adágios

- Deus dá a fatura, o diabo carrega o saco.
- Muitos romeiros, poucos devotos (muito reza, pouca devoção).
- Sua alma, sua palma.
- Deixa estar, jacaré, a lagoa há de secar.
- Rio há de dar vau até para cachorro passar.
- Quem canta seus males espanta.
- Quem porfia, mata caça.

## Para refletir:

1. Para realizar seu destino, você deve estar disposto a se libertar de sua história. (*Karl Schmidt*)
2. Só uma vida vivida para outras pessoas é uma vida digna de ser vivida. (*Albert Einstein*)
3. Não nos lembramos das palavras de vingança dos inimigos. O que fica na lembrança é o silêncio dos amigos. (*Martin Luther King*)
4. O maior erro que você pode cometer na vida é o de ficar com medo de cometer algum. (*Elbert Hubbard, 1856/1915, escritor americano*)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail:

credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APOSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:



## PATRIMÔNIO CULTURAL

FOTOS INTERNET/DIVULGAÇÃO

Entende-se por Patrimônio Cultural todo o acervo histórico, artístico, paisagístico, estético, intelectual, memorialístico de um povo, acumulado ao longo das gerações. É, em suma, o conjunto de todos os bens e manifestações de valor produzidos pela sociedade, no transcurso do tempo e do espaço, sejam no campo das artes, modos de viver, ofícios, festas, costumes, saberes, danças, folguedos, paisagens e lugares com atributos naturais, intangíveis e/ou edificados, cultos, ritos etc.

Assim, igualmente, edificações, traçados e tipologias arquitetônicas, a ambiência urbana, o paisagismo, celebrações, práticas culturais de qualquer ordem, obras artísticas, tudo quanto forma e constitui as referências simbólicas, afetivas, produtivas do cidadão em relação ao espaço vivido, ou seja a imagem e a identidade do povo de uma cidade ou todo o País, eis o que denominamos Patrimônio Cultural.



em relação ao espaço vivido, ou seja a imagem e a identidade do povo de uma cidade ou todo o País, eis o que denominamos Patrimônio Cultural.

## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Poderíamos definir a Educação Patrimonial como um processo educativo, cidadão e coletivo de conhecimento, de relacionamento entre as instituições sociais constituídas, dentre elas a escola – levando o educando à observação, contacto, identificação, pesquisa, referenciamento, valorização e preservação de todos os bens que compõem a variada cultura local.

Um esforço e exercício de sensibilidade de autoridades e cidadãos para reconhecer, valorizar, proteger o patrimônio cultural da comunidade, preservando-se as marcas da história coletiva fixadas pelas suas gerações ao longo do tempo, fortalecendo-se e perenizando-se a noção de pertencimento, autoestima, de identidade e diversidade cultural da coletividade.

**Obs.** No “portal.mec.gov.br” há interessante material sobre Educação Patrimonial, incluindo ilustrações bastante sugestivas e que poderão ser eventualmente reproduzidas.



Patrocínio:



Apoio Cultural:



## Para quem quer aprender, não há barreiras e nem limites

A partir da década de 50 e 60 começaram a surgir as Escolas Rurais no município de São Tiago, mas não eram todos os povoados que tinham o estabelecimento de ensino. A maioria dos fazendeiros, para educar seus filhos, contratava professoras particulares formadas ou leigas. Filhos de agregados da fazenda poderiam estudar desde que, também pagassem. Ali a professora permanecia por um longo período e ministrava o conhecimento que incluía alfabetização, operações básicas da matemática, noções de geometria, ortografia, gramática e composição de texto. A professora era paga para ensinar, e os alunos eram obrigados a aprender. Muitas vezes, além da disciplina rígida, não poderia haver conversas paralelas, pois ao lado da mesa e próxima à lousa ficava a temida “vara de marmelo”, cuja maioria dos alunos nem se atreviam conversar fora do assunto da aula.

Maria da Conceição Resende Vieira (Sãozinha), 56 anos, filha do Sr. José Luiz da Silva e de dona Maria Margarida de Resende, foi uma dessas alunas de escola particular na fazenda, quando residiu na comunidade rural do Povoado Patrimônio.

Preocupado com a educação dos filhos, o Sr. José Geraldo (Sr. Dé) contratou a professora Maria Souza para lecionar num barracão em sua fazenda. Lá preparou uma mesa com cadeiras e uma lousa.

O desejo de aprender a ler e a escrever era tão grande que Sãozinha pediu ao seu pai que a levasse para a escola da fazenda. Mas infelizmente não poderia porque tinha que pagar. Assim tentava aprender a ler algumas letras de embalagens com auxílio de seu pai que também era semianalfabeto. Até que um dia suplicou ao seu pai que fosse à fazenda e conversasse com o Sr. Dé para ela estudar. O trato foi feito, mas ela não poderia sentar-se ao lado dos outros alunos e muito menos perguntar, pois não pagava. Deveria aprender em silêncio e de longe.

Contudo, seu pai levou-a à escola da fazenda e pregou um pedaço de tábua em um toco para sua filha sentar. Como não tinha caderno para escrever, seu pai juntava sacos e embrulho de papéis de grãos comprados “à granel” na cidade, cortava-os de forma retangular e costurava com barbante. Para escrever sua mãe cozinhava, com pouca água cascas de uma qualidade de um milho preto que liberava uma tinta escura. Daí esse líquido era colocado num pequeno vidro de remédio juntamente com uma pequena haste de vassoura de capim com a base fina, tudo isso era como se fosse uma caneta tinteiro. Nada foi empecilho para realizar o seu sonho de aprender a ler e escrever.

Tempos mais tarde, no governo municipal dos prefeitos, Antônio Berfort da Mata (1963-1967) e Raul Wilson da Mata (1967-1971) foram construídas mais escolas nas comunidades rurais, inclusive a do Patrimônio. A partir daí não havia mais necessidade de pagar o ensino, era gratuito. Quando Sãozinha se matriculou na Escola Rural do Patrimônio que, mais tarde, ganhou o nome de Escola Municipal “Padre José Duque de Siqueira”, ela já sobressaía nas atividades. Foram suas professoras: Nininha do Osvaldo Ribeiro, Adélia do Carmo e Maura do Joaquim da Naninha. Nesse período, as coisas já estavam sendo controladas, tinha caderno e lápis com a borracha na ponta. A escola servia uma deliciosa sopa de macarrão que era feita pela própria professora enquanto os alunos faziam cópia de texto.

Nos três anos que estudou na dita escola,



brilhou como aluna. Dizia que para aprender tabuada bastava associar um fato do dia a dia com a multiplicação dos fatos. Certo dia a professora lhe perguntou: “Quanto é 7X8?” Logo disse: “É o peso da Tia Gracinha, 56!”

A escola só oferecia até o 3º Ano do ensino de 1º Grau. Alunos que tinham condições, seguiam para o Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior” para tirar o 4º ano que compunha a formação elementar ou primária. As coordenadoras das escolas municipais fizeram de tudo para Sãozinha continuar seus estudos, mas como filha mais velha, deveria ficar em casa para ajudar nos afazeres domésticos e cuidar dos irmãos mais novos.

Sãozinha hoje é casada com Antônio Igmar Vieira (Nôca). É mãe de três filhos (Simone Kelly, Marcelo e Paulo César), tem quatro netos e é muito feliz com o que aprendeu na escola e pôde ensinar aos seus filhos serem bons cidadãos.

Já para Maria de Lourdes Moraes Campos (dona Branca), 54 anos filha do Sr. Moacir Monteiro de Moraes e de dona Zenir Vieira de Carvalho foi diferente aprender a ler e escrever. Mora há muitos anos no Povoado Fundo da Mata. Sua vida era trabalhar e cuidar dos afazeres de casa. Na comunidade raramente participava das atividades religiosas. A vida no lugarejo era simples e pacata, até que um dia chegaram os membros da Renovação Carismática Católica (RCC) com o objetivo de realizar periodicamente grupos de orações nas capelas filiais da Paróquia de São Tiago.

Os servos do movimento passaram nas casas convidando as pessoas. Algumas tiveram resistência, mas participaram do momento religioso. Para dona Branca a experiência religiosa foi significativa, pois marcou seu engajamento definitivo para atuação na Igreja. Porém não sabia ler nem escrever, mas fez um pedido a Deus para que mudasse algumas situações em sua vida e lhe desse o dom de aprender, para ler a Bíblia em casa e, sobretudo, para assumir alguns movimentos na capela de onde vive. Sacerdotes da paróquia necessitavam muito de pessoas para coordenar atividades e realizar celebração da Palavra na localidade aos fins de semana, mas não apareceu ninguém. Então viu nesse momento, uma oportunidade. Com isso, sua filha, Delma, que não era formada em Magistério, apenas com o Ensino Médio, conseguiu, sem ajuda de professores, alfabetizar e ensinar sua mãe a ler e a escrever. Esse foi um dos passos principais para que ela se tornasse Catequista, Ministra Extraordinária da Comunhão Eucarística e Dirigente de Culto na celebração da Palavra que acontece aos domingos na Capela de São Sebastião do Fundo da Mata.

Hoje dona Branca, casada com Geraldo Magela de Campos, é mãe de dois filhos (Moacir Nunes e Delma), tem dois netos, é muito realizada com a família, com os amigos e feliz em ser seguidora da Palavra de Deus.

Marcus Santiago



## UM FATO DE CRIANÇA: O BURRO “FIDALGO”, BORBA GATO E A MORTE DE UM NOBRE ESPANHOL NOS SERTÕES DE MINAS

Papai tinha um burro de total estima. Cor fumaça, zaino, nédio, orelhas firmes, peito e ancas fornidas. Animal elegante, refinado, resistente, exigente, chamava a atenção geral. Dele dizia-se: só faltava falar!

Era pau para toda obra, especialmente nas viagens a maiores distâncias: a São Tiago, à Laje (Resende Costa) ou até mesmo a São João del-Rei, a 50 km (nesse caso, papai ia no burro até a estação de Ibitutinga e de lá, tomava-se o trem). Proprietários e estalajadeiros próximos à estação, alugavam pastos onde viajantes em trânsito pudessem abrigar suas alimárias e reses. Uma espécie de hospedagem ou hotel para animais.

“Fidalgo” era o seu nome. Aliás, um nome de placa, perfeito, para um animal de tamanha nobreza e altivez. Sua imagem, sua cavalgadura, seu porte permanecem-me ainda hoje indelévels na retina.

Após ter estudado algum tempo, como interno, na escola do Prof. Geraldo Chaves em Resende Costa, aí pelos anos de 1956 e 1957, papai transferiu-me para São Tiago, em inícios de 1958, pois naquele ano, Mons. Francisco Elói abriu o Pensionato Imaculada Conceição (onde hoje situa-se o Hotel Minas Gerais e áreas afins ainda pertencentes à Paróquia ou, segundo dizem, à Cúria Diocesana). Interno, frequentava aulas no Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior”, sendo minha professora na 3ª série primária (hoje 4ª série do ensino fundamental), d<sup>a</sup> Rosália Alice de Carvalho, a quem devo as maiores finezas e honras pelo carinho, desvelo que sempre teve para comigo. Educadora de elevados princípios, percebia-se nela não só o talento pedagógico e artístico, a quem muito a nossa comunidade deve, mas, sobretudo, uma alma fraterna, nobre, que respeitava e amava as crianças sob a sua tutela, virtudes raras e inesquecíveis.

Menino de roça, sempre tímido, arredio, ensimesmado, inadaptado ainda à vida urbana, ridicularizado quantas vezes. D<sup>a</sup> Rosália captou, por detrás daquela simplória criança rural, uma alma lírica, sensível, introspectiva, diferente, amparando-me e estimulando-me sempre, com solicitude e invulgar nobreza. Sugeriu-me e inseriu-me na leitura de autores como Cecília Meireles, Abgar Renault, Tagore, Paulo Setúbal, Humberto de Campos, dentre outros comuns nas antologias escolares da época, dizendo-me: “Leia-os, Aprecie-os, pois são do seu mundo”. Estimulava-me e aos demais colegas a participarmos de auditórios e momentos cívicos (todas as quintas feiras, após o recreio, ocorria, no pátio da escola, a “hora do canto” com a apresentação de números musicais, cânticos de hinos, declamações, leituras por parte dos alunos previamente indicados). Incentivou-me, orientou-me e muito ainda na participação dos chamados “clubes” (de leitura, de ciências, de história, etc, então existentes no âmbito do educandário), nos quais a ocupação de cargos de presidente, secretário, tesoureiro e outros ajudavam-nos e ensinavam-nos a como presidir uma sessão, como redigir uma ata, como elaborar um balancete ou pequeno relatório de entrada e saída (receita/despesa). Experiências pedagógicas e empreendedorismo que, ao que parece, não existem mais.

Retornemos, porém, ao nosso burro, que, por esses segundos, refrescava-se na sombra, nos escaninhos da mente saudosa. Certa feita, em sala de aula, nossa estimada mestra

abordava o tema das “entradas e bandeiras”, com enfoque para a expedição de Fernão Dias Pais em busca das sonhadas esmeraldas. O texto mencionava igualmente a figura de Borba Gato, bandeirante, genro de Fernão Dias, agrupado à expedição e que, acusado do assassinato de um fidalgo espanhol, permaneceria anos foragido nos sertões.

D<sup>a</sup> Rosália faz uma pausa e interroga-nos, pois ela tinha o cuidado de que entendêssemos - e bem - os assuntos então ministrados:

- Quem sabe o que é “fidalgo”?!

Era ela, além de excepcional mestra, uma mulher das artes: desenhista, pintora, atriz, e que comandava as apresentações de circo e teatro da cidade. Valorizava ela toda e qualquer participação dos alunos, sem qualquer observação negativa. Vários familiares seus participavam de circo, que se deslocavam por todo o País.

Repetiu a pergunta.

Silêncio total. A classe inteira taciturna, silenciosa, até que exorcizando toda a timidez, reportando-me ao animal de minha convivência na fazenda paterna, manifestei-me:

- Professora, o único fidalgo que conheço é um burro... <sup>(1)</sup>

A morte do fidalgo espanhol nos sertões de Minas é um assunto que atrai, ainda hoje, a curiosidade e pesquisas por parte de historiadores e mesmo linguistas, conforme veremos a seguir.

FOTOS INTERNET/DIVULGAÇÃO



## BORBA GATO E AS CIRCUNSTÂNCIAS DO ASSASSINATO DO FIDALGO ESPANHOL \_ MISTÉRIOS DA HISTÓRIA

A notícia de que o espanhol Dom Rodrigo de Castel Blanco, alto funcionário a serviço da Corte Portuguesa, fora morto na região das minas, trouxera perplexidade e indignação geral e, até hoje, é motivo de polêmica entre historiadores. Dom Rodrigo, antes de chegar ao Brasil, trabalhara em minas de prata espanholas na Bolívia e no Peru. Necessitando de alguém com tamanha experiência e competência, após a descoberta de ouro na Colônia, D. Pedro II,<sup>(2)</sup> príncipe regente de Portugal, concedeu-lhe, em 1673, o título de fidalgo da Casa Real Portuguesa, nomeando-o como administrador geral das minas.

Dom Rodrigo percorrerá algumas capitânicas brasileiras, até que, em 1682, dirigiu-se à região dos cataguás (hoje, a grosso modo, o Estado de Minas Gerais) e tendo, como primeira missão, avaliar a expedição de Fernão Dias Paes Leme, que desbravava aqueles sertões, desde 1674. Chegando ao local, na região do Sumidouro (hoje Sabará), a caravana de Dom Rodrigo deparou com o acampamento de mineradores dirigido por Manuel Borba Gato<sup>(3)</sup> que, naquele momento, achava-se ausente, pois estava ocupado com outras buscas de minas. Borba Gato era genro e conterrâneo de Fernão Dias e comandava a expedição, após a morte do sogro em 1681.

Com os víveres e equipamentos escassos, o fidalgo requer, através de subordinados, que Borba Gato lhe ceda parte do seu estoque. Borba Gato rejeitou atender o pedido. Tão logo seus emissários informaram-lhe da negativa, o fidalgo, desagradado, ofendido, decide convencer pessoalmente o bandeirante. Acompanhado por dois assistentes, Dom Rodrigo insistiu, sem su-

cesso. Ouvia, de viva voz, a recusa do bandeirante. Exasperado, “cego de ira, levantou-se bruscamente” e antes de ir, “com vozes e gestos alterados, disse que o ensinaria a ser mais cortês” e que “mandaria buscar as coisas de que carecia para o serviço real”, ou seja à inteira revelia de Borba Gato. Tal é o relato feito pelo Coronel Bento Fernandes Furtado de Mendonça, no século 18.

O nobre europeu, após os ultrajes dirigidos a Borba Gato, ao retornar à sua comitiva, foi alvejado e morto com dois tiros por auxiliares de Borba Gato, que tomaram as dores de seu chefe e sem que tivessem sido incumbidos ou autorizados da macabra tarefa. Eis o que os historiadores de hoje chegaram à conclusão.

Em comunicado ao Conselho Ultramarino, o então governador do Rio de Janeiro, Duarte Teixeira Chaves, relatou a morte de Dom Rodrigo, esclarecendo que ele levara três tiros, no dia 28 de agosto de 1682, quando “marchava por uma estrada”, e que se desconhecia a autoria dos disparos.

Borba Gato acabou sendo responsabilizado pelo crime e passou, desta forma, cerca de 20 anos oculto, nos ermos sertões, temendo ser penalizado por crime de lesa majestade (morte de um nobre).

### NOVAS REVELAÇÕES E MAIS MISTÉRIOS

O enredo da tragédia de 1682, nas perdidas minas, não pararia por ali. Ao longo do tempo, surgiram informações que trouxeram mais incertezas e novos elementos quanto ao assunto. Afinal, quem matara uma das mais altas e poderosas autoridades monárquicas? E o assassino agira por ordens do bandeirante paulista ou fora o próprio Borba Gato o autor do rumoroso homicídio?

O jornal “Diário Fluminense” publicou em sua edição de 05/09/1827, um inusitado relato. Era a correspondência de um tropeiro anônimo, que sob o pseudônimo de “Amigo dos bens do País M”, informando que, em maio daquele ano (1827), ao atravessar com sua tropa, o sopé da Serra da Piedade, em Caeté, dando falta de uma besta sumida, um de seus empregados, à cata do animal, ao entrar numa gruta, encontrara uma “garrafa de boca larga, fechada com rolha de pau e certa massa que parecia ser de cera” e dentro dela – continuava o tropeiro em sua narrativa – “achei um papel escrito, com tinta vermelha e tão puído”, datado de 1699, e que os originais tinham se perdido “por andarem de mão em mão”

e que ele transcrevera integralmente o texto, sendo, pois, o que endereçara ao jornal, uma cópia plenamente fiel e verídica.



Mas o que dizia o texto datado de 1699 e encontrado, de forma inusitada, pelo tropeiro e publicado pelo jornal fluminense? Era a íntegra do relato de Martinho Dias, um dos auxiliares de Borba Gato, no qual confessava ser ele o real assassino do fidalgo Dom Rodrigo. Informava que, após Borba Gato recusar o fornecimento dos provimentos, o fidalgo “se enjoou e o injuriou com palavras”, o que fez com que “lhe quitasse a vida para defender a honra de Gato, a quem tínhamos por nosso capitão mor”. Nesse relato, a que Martinho chama “memórias”, afirma que não agira por ordem do chefe, mas que fugira “com consentimento dele” e que sempre o mantinha informado de suas descobertas de veios, inclusive de um grande “veeiro todo crivado





de grandes pedaços e folhetas (lâminas finas) de ouro”, para o qual fora guiado por um índio de nome Inhambé.

O relacionamento entre Martinho Dias e seu chefe ficaria estreitado, depois que Borba Gato, com o compromisso da revelação do local exato das minas, levou amostras do ouro para o governador do Rio de Janeiro, Arthur de Sá e Meneses, sendo anistiado da acusação da morte do fidalgo. O perdão, contudo, não contemplava a Martinho Dias. Receoso, inseguro, temendo que Borba eliminasse-o ou que viesse a ser punido pela morte do fidalgo, Dias retornou ao veeiro, de onde – assim relata na carta – retirou uma arroba (14,7 quilos), seguindo para Porto Seguro, BA. Desejava chegar a Portugal, redimir-se do crime perante o rei Pedro II e com “uma companhia de homens armados”, retornar às minas, a fim de explorar os veios descobertos a salvo das “hostilidades de Gato”. Para tanto, redigira as “memórias” em duas vias (cartas), levando uma consigo e a outra guardada naquela garrafa, com o intuito de “se eu não chegar ao fim do meu intento, porque Deus seja servido matar-me, o feliz que encontrasse a carta, usufruiria do ouro”.

Teria chegado Martinho a Portugal? São verídicos a autoria e o conteúdo da carta publicada pelo jornal?

#### OPINIÃO DE ESTUDIOSOS

Historiadores e até linguistas divergem quanto ao assunto. Um dos maiores experts brasileiros, o historiador Hélio Viana, que redescobriu a carta em 1962, ao localizar um exemplar na Biblioteca Nacional, opina pela legitimidade do documento, considerando que o estilo, o léxico e a ortografia típicos do português do séc. 17, dificilmente seriam imitados por um tropeiro. O próprio Carlos Drummond de Andrade, responsável pela seleção de textos da coletânea “Terra & Alma”, dedicada a Minas Gerais, incluiu a carta na 1ª edição que saiu em 1967, registrando-a da seguinte forma: “Manuscrito na garrafa: encontrado numa lapa, nas proximidades de Caeté, em 1827”. Sinal de que acreditava e avalizava a sua veracidade.

Linguistas que analisaram o documento, surpreenderam-se

com o emprego de termos do português típicos do séc. 16, como o verbo “leixar” (em vez de “deixar”), “achamento” em vez de “descobrimento”, “graa” em vez de “grande”, etc. termos arcaicos que, mesmo em Portugal, eram já obsoletos no séc. 17, mas perfeitamente passíveis de ainda serem empregados nos sertões da América colonial. Enfim, mistérios que envolvem a história, o que a tornam algo fantástico, mágico, desafiador...

#### A ILUSÃO DA PRATA E DO OURO: UMA PALAVRA DO Pe. ANTONIO VIEIRA

O Pe. Antonio Vieira, um dos maiores gênios e expressões do pensamento mundial, de desassombradas idéias, já intuíra quanto ao malogro e as consequências do delírio do ouro sobre Portugal e a América. Em seu “Sermão da Primeira Oitava de Páscoa” proferido na Matriz de Belém do Pará em 1656, alertava que as minas descobertas eram e seriam de “grande dano” e que “...para o mesmo reino em geral antes haviam de ser de maior opressão e ruína que de utilidade e aumento” Citando o caso da Espanha que se empobrecera e se despovoara na insana busca à prata, diz sobre os espanhóis: “Eles cavam e navegam a prata e os estrangeiros a logram. Para os outros a substância dos preciosos metais e para eles a escória”

Prossegue o extraordinário orador e pregador: “Lá disse Isaías falando do Reino de Israel: ‘Argentum tuum versum est in scorium’ e o mesmo se poderá dizer sem metáfora da prata da Espanha. Ainda com mais doméstica propriedade se lhe pode aplicar o dito ‘Argentum vestrum aeruginavit’, pois a prata se lhe tem convertido em cobre e a fama e a opulência de tanto milhão em belhão (Belhão era a moeda baixa, de muita liga e menor valor) Com esse trocadilho e como bem previra Pe. Vieira, os estrangeiros (ingleses, principalmente) lograram o ouro e portugueses e nós brasileiros ficamos com a escória...”<sup>(4)</sup>

INTERNET/DIVULGAÇÃO





## NOTAS

(1) A palavra “fidalgo” é uma aglutinação de “filho de algo”. Designava geralmente a camada social que tinha estatuto de nobreza hereditária, na qual incluíam-se os senhores feudais, os alcaides mores, etc. Sinônimo, segundo os dicionaristas, de “nobre ou que tem foros de nobreza”, “generoso”, aparecendo, porém, por vezes, com conotação negativa “indivíduo que vive bem ou de seus rendimentos sem trabalhar” “indivíduo bem trajado”, “boa vida”, “bizarro”, “folgazão”

Inúmeros provérbios em língua portuguesa, alguns deles nitidamente de origem medieval, tem como tema o “fidalgo”:

“À laranja e ao fidalgo o que quiser; ao limão e ao vilão o que tiver”

“Palácio caído, fidalgo casado”

“Fidalgo sem dinheiro, castelo sem ameias”

“A fidalgo pobre, jarro de prata”

“Fidalgo sem pão é vilão”

“Fidalgos, galgos e pardais são três espécies de animais”

“Mercador fidalgo nunca o verá medrado”

“Nem ruim letrado, nem ruim fidalgo, nem ruim galgo”

“Nem em tua casa galego, nem à tua porta fidalgo”

“Fidalgo e galgo, coçá-los e deixá-los”

“O vilão come, o fidalgo mastiga”

“Ganhá-lo como um negro e gastá-lo como um fidalgo”

“Do fidalgo a mão, do vilão o pão”

“Um lavrador de pé é maior que um fidalgo de Joelhos” (Benjamim Franklin)

Obs. A palavra “vilão” tem o sentido de camponês que trabalhava a terra do senhor feudal

(2) Pedro II (Lisboa, 26/04/1648 – Alcântara 09/02/1706) Príncipe regente de Portugal de 1667 a 1683, quando foi coroado Rei (após destituir o seu irmão Afonso VI) até a sua morte. Cognominado “O Pacífico”, pois em sua regência celebrou tratado de paz com a arqui-inimiga Espanha (Tratado de Madrid, em 1668). Firmou inúmeros tratados com os ingleses, dentre eles o de Methuen, em 1703, tidos pelos historiadores e estrategistas como terrivelmente prejudiciais e nefastos aos interesses portugueses. Também chamado de “Tratado dos panos e vinhos”, porque Portugal se comprometera a comprar toda a produção têxtil inglesa, enquanto a Inglaterra adquiriria a produção vinícola nacional. Como havia déficit no balanço comercial em favor dos tecidos e manufaturados ingleses, Portugal cobria a diferença com o ouro arrancado de Minas Gerais, que, dessa forma, passava direto para Londres. Nosso ouro bancou a Revolução Industrial e o largo progresso da Inglaterra, “senhora de todos os mares” e “o Império onde o sol nunca se punha”. Tãmanha a subserviência portuguesa, que D. Maria I mandou destruir todas as rocas de fiar disseminadas pelas Minas com o objetivo de garantir mercado absoluto para os panos ingleses. Exímio cavaleiro e combatente, D. Pedro tinha o curioso hábito de conceder audiências e a ouvir sugestões, a qualquer pessoa e a qualquer hora, o que o tornava bastante instável, volúvel em suas decisões. Em seu governo, ocorreu a descoberta de ouro na região de Caeté e a destruição do Quilombo de Palmares (1695)

(3) Manuel Borba Gato (1649-1718) era natural de São Paulo, filho de João da Borba Gato e Sebastiana Rodrigues. Genro de Fernão Dias Pais, casado com sua filha Maria Leite. Viveu décadas em expedições pelas selvas e sertões. Responsabilizado pela morte de um fidalgo espanhol, homiziou-se anos nos sertões, até ser indultado pela Coroa Real Portuguesa. Foi um dos líderes dos paulistas durante a Guerra dos Emboabas (1708-1709), oportunidade em que escreveu longo relato, datado de 29/11/1708, ao governador D. Fernando Martins Mascarenhas Lencastre quanto à situação das minas na região do Rio das Velhas (documento que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa e nos arquivos da Marinha e do Ultramar, docs. 3212 a 3225, Rio de Janeiro). É considerado o primeiro historiador da guerra dos Emboabas, em que tumultos e dissensões paralisavam as minas, extinguíam o trabalho, anulavam colheitas. Só se cuidava de guerra e os moradores eram assim reduzidos à miséria, alertava o bandeirante.

(4) A chegada da prata e do ouro à Europa, arrancados principalmente por espanhóis e portugueses de suas colônias na América, e da forma mais brutal, provocou, por incrível que pareça, uma das maiores tragédias sociais, econômicas e políticas que se conhece. Reis, com os cofres cheios, passaram a inventar guerras as mais tolas, pagando em metal pelo abastecimento das tropas e o soldo dos combatentes. Os preços dispararam, gerando fome e miséria extrema entre as massas, tanto assim que alguns historiadores denominam o século XVII como o “século dos mendigos”. Cidades como Paris, países como Alemanha, Suíça e Holanda contavam com bandos de mendigos, os “heimatlosen” (“sem teto”), aos milhares, vagando por ruas, estradas e florestas e contra os quais, os governos e os “homens de bem” organizavam expedições armadas para exterminá-los.

Excesso ou abundância de dinheiro em circulação, lastreado ou não em ouro e prata, desvaloriza a moeda e eleva os preços. É uma regra áurea da economia. A Espanha, que entre 1500 e 1520 produzira apenas 45 t de prata, viu em 1580/1600 sua produção subir para 350 t !!!! Por toda a Europa, sem que as pessoas entendessem as causas e se acusassem mutuamente, tudo disparara de preço, levando desespero e miséria quase geral. Salários não acompanhavam a elevação dos preços. Se o salário-dia ou a jornada de um trabalhador dava em inícios do século XVI para comprar 4,5 kg de carne, em poucos anos, o mesmo salário só comprava 1,8 kg. Pessoas que viviam de rendas fixas (anuidades, pensões, rendas de bens), igualmente, sofreram privações.

Uma classe, porém, foi beneficiada: os atravessadores, os mercadores. Período turbulento em que o dinheiro passou a ser mais importante que o homem, mas que, por outro lado, impulsionou o comércio, a indústria, a navegação e mesmo a terra, pois esta passou a ser considerada uma fonte de renda e a agricultura como uma atividade profissionalizada, rentável. Na formação desse sistema ou idade capitalista, o importante era a acumulação do capital, em especial através do comércio – um termo amplo, elástico que significava não apenas a troca de mercadorias, mas incluía também a conquista, a escravidão, o saque, a pirataria.

Ninguém foi e nem é bento nessa apavorante história. Impiedosos conquistadores espanhóis, como Cortez e Pizarro; holandeses, portugueses, ingleses, belgas, árabes, chineses, japoneses, deixaram e ainda deixam suas terríveis marcas, conforme Karl Marx escreveu em “O Capital”: ...pingando da cabeça aos pés, de todos os poros, sangue e lama”

Curiosos fenômenos ocorreram, então. Como o preço da lã subira muito, deixava-se de plantar. Lavouras e florestas tornaram-se pastos para ovelhas. Pequenos proprietários, arrendatários, foreiros, lavradores pobres foram expulsos pelos grandes proprietários, dentre esses e quando não à frente, a própria Igreja, gerando êxodo, fome e desespero. E não tinham com quem reclamar, pois os senhores, os latifundiários, inclusive religiosos, que os extorquiam e lhes roubavam a terra, eram os próprios juizes. Aldeias inteiras foram evacuadas, campos despovoados, seus habitantes expulsos e que passaram a mendigar, a roubar, morrerem de fome ou ao fio da baioneta ou servindo como mão de obra barata ou servil, vendendo sua capacidade de trabalho para o comércio e a indústria capitalistas. Expulsos e divorciados da terra, as classes mais frágeis, ou tornavam-se assalariadas, buscando o sustento nas indústrias das cidades, numa época de inícios de mecanização do trabalho, ou simplesmente tornavam-se párias (mendigos ou assaltantes).

O capitalismo industrial, curiosamente, teve o grande impulso protestantes, dentre eles calvinistas, metodistas e puritanos, para quem investimento e poupança eram dons divinos. Os fiéis eram orientados a serem diligentes, industriais, valendo-se do trabalho árduo, da poupança e de que a riqueza, o lucro eram uma generosa bênção divina.

## A gaita do Crispim

### Vivina de Assis Viana

Uma vez, numa aula sobre o Antigo Testamento, meus ouvidos e olhos de crianças aprenderam que não havia nada de novo debaixo do sol...

Que os tempos fossem de nascer ou de morrer, de plantar ou de colher, de ir ou de vir, nada importava. Houvesse o que houvesse, tudo seria monotonamente repetitivo debaixo do sol, eu pensava.

Acontece que eu não conhecia, como conheço agora – bem perto – os jovens alunos da Escola Estadual Afonso Pena Júnior, da cidade mineira de São Tiago.

Há poucos dias, palco armado no meio da praça, uma jovem, representando alunos, professores e funcionários da escola, anunciou, debaixo de muito sol, que personagens populares – importantes, portanto – passariam por ali trovadores, poetas, repentistas, cantadores, puxadores de Folias de Reis. Personagens que jamais serão esquecidas, lembrou a jovem.

Jamais haverei de esquecer o momento em que Crispim, o mais popular personagem da cidade, sapatos calçando os pés habitualmente descalços, cinto ajustando as calças de festa que substituíam as de todos os dias, soltas, largas, amarradas para que não despenquem, jamais esquecerei o momento em que Crispim, 58 anos em alma de criança que mal fala, apenas balbucia, que abre um sorriso largo quando ganha uma moeda ou um biscoito, ao entender o que a jovem lhe dizia, segurou a gaita acabada de ganhar e, diante do microfone, num fôlego só, enfeitiçou a comunidade.

Quem sempre viu o Crispim pelas ruas, perambulando, crescendo, carregando malas, tocando velhas gaitas, envelhecendo, obedecendo, ao vê-lo no palco, dirigindo, comandando, orquestrando as palmas da plateia, aprende que, se quisermos, pode existir, sim, algo de muito novo debaixo do sol.

Fonte: E. M. 22/10/95



Crispim

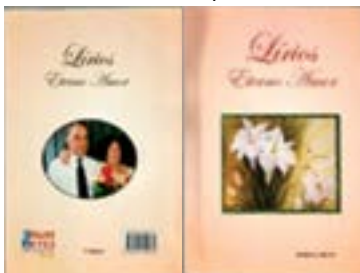


## Coincidências na intertextualidade

Compartilhando uma das belas e sábias frases do escritor Guimarães Rosa: “Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo”, podemos então perceber algumas realidades concretas em nossa vida - a priori inocentes - no decorrer dos acontecimentos.

Enquanto isto, o tempo não para... E com ele, caminhamos – juntos ou distantes uns dos outros - mas caminhamos... entre respingos de dor ou de alegria... coragem, saudade ou melancolia... como as águas de um rio, dos ribeirões, córregos ou dos riachos - que correm em busca do mar...

Aí, fatos atenuantes crescem e se fortalecem consideravelmente... raras energias tornam-se evidentes... evidenciando também em cada um de nós possíveis mudanças, à medida que o mundo se transforma... no correr da vida...no embrulhar e desembrulhar de fatos e boatos... a partir do fazer acontecer... no fazer poético - a exemplo de meras coincidências - coincidências intertextuais como por exemplo nas obras:



**Lírios Eterno Amor**...da autora Ermínia de Carvalho Caputo Resende

E **O mundo da gente** de minha autoria

Ambas editadas por Ademir Mendes, Gráfica e Editora Bellas Artes – BH, em plena primavera... Primavera... estação das flores... dos ipês... Ipês por todos os lados... ipê roxo...



rosa... ipê amarelo... árvore de ipê dentro do forno da praça...

Outras flores e arbustos, além de cafezais... mangueiras... laranjeiras... limeiras e limoeiros...

Lírios... viçosas açucenas...azaleias.. boca-de-leão... cipós de São João... cravos e cravinas... crisântemos... dalias... girassóis... hortênsias... jasmims... magnólias... manacás... margaridas... orquídeas... rosas... semprevivas... tulipas... em casa, nos campos, nas praças e nos jardins...

Ao findar a primavera, fim de ano então... festas...formaturas... sinos... músicas e enfeites que anunciam o Natal... E o Menino Jesus a nos abençoar e a cuidar... de nossa vida... o trabalho... nossas casas... famílias... nossas atividades - atividades literárias citadas, onde se verifica uma quase inexplicável analogia intertextual, por mera coincidência, quer seja por idéias e ideais comuns que podemos agora tentar parafrasear:

Uma simultaneidade entre elas, analogia de gênero e de estilos de vida, apresentados com simplicidade, numa abordagem do cotidiano: vida na roça... valorização do trabalho humano... imagens... infância... amigos... atitudes... filhos... flores... família... alunos... professores... escolas... mudanças... pássaros... paisagens... porteiras... natureza e elementos ecológicos... rios, córregos e riachos... alusivas ilustrações... menção a pessoas ilustres... espiritualidade... otimismo e realidade...o mundo que nos cerca... assuntos diversos... nada antes mencionado... nem pelas autoras nem pelo editor... entretantes amigos... enfim...

Finalmente, livros publicados... registrados na Biblioteca Nacional... entretanto, engavetados até então... Temos, enfim, a grata satisfação de apresentá-los aos caros leitores e leitoras de nossa comunidade, que moram aqui ou que residem fora – um convite, portanto, à leitura... à participação...

E a todos os que nos prestigiarem, nossos agradecimentos, augurando-lhes Boa Leitura!

Desejando também que os livros Lírios Eterno Amor e O mundo da gente possam proporcionar leituras agradáveis, tendo em vista outra frase do imortal escritor: “Só sei que há mistérios demais em torno dos livros, e de quem os lê, e de quem os escreve...” (G. R.).

Nilza Trindade de Moraes Campos